SOB A LUA cigana



Consonante Duo

Material de apoio pedagógico e referências da pesquisa para o espetáculo de contos e música



Latcho Drom é um documentário francês de 1993, escrito e dirigido por Tony Gatlif.
O filme, conduzido principalmente pela música, fala sobre a jornada dos ciganos do noroeste da Índia até a Espanha. 97 min.
É possível assistir o filme na íntegra no YouTube.



Documentário "Povo Cigano, Povo Invisível", lançado em 2018
e produzido pelo Ministério Público Federal (MPF).

O documentário, produzido em forma de grande reportagem, mostra a realidade cigana no Brasil. São retratados desde acampamentos sem a mínima estrutura até conquistas como a concessão do uso de um terreno de 3,5 hectares no Distrito Federal.
O filme exibe relatos de preconceito, como conta o cigano Pedro Cabral, que mora em um acampamento que já foi invadido por autoridades policiais. E traz histórias de sucesso, como a da cigana Paula Soria, que chegou a ser retirada à força de sua família quando era criança, mas atualmente é doutora e estuda a cultura cigana. Tudo isso ao som de músicas ciganas e com imagens da desenvoltura dos ciganos para o comércio, suas roupas coloridas e a alegria das comemorações nos acampamentos.
As equipes de filmagem passaram por Brasília, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. São distintas realidades ciganas sobre este povo que habita o país desde 1574, segundo historiadores, mas sequer tem todos os acampamentos catalogados pelo governo.

O filme está disponível no canal do MPF no YouTube. Duração: 20 min.

BANDEIRA CIGANA



No primeiro Congresso Mundial Romani, realizado em Orpington, na Inglaterra, em 1971, uma bandeira foi adotada como símbolo da etnia rhomá. A escolhida foi a bandeira verde e azul da Asociatia Generala a Tiganilor din Romania (Associação Geral dos Ciganos da Romênia), fundada em 1933, acrescida de uma roda vermelha de dezesseis aros – uma homenagem à Índia, que, já se sabia naquela época, era a pátria original dos rhomá.

O azul representa o céu. O verde representa a terra. Já a roda vermelha é uma clara referência à roda de 24 aros que figura na bandeira indiana – o Ashoka Chakra. Como na bandeira da Índia, essa roda simboliza o movimento imprescindível à vida. Estagnação é morte. A ideia desse movimento constante se alia ao formato da roda, que lembra a roda de uma carroça, para aludir ao nomadismo dos rhomá em seus vurdá (carroções). A cor vermelha, por sua vez, é, tradicionalmente, um símbolo de vida e boa sorte.
Fonte: http://caminhosciganos.org

HINO CIGANO



Dentre as coisas que ficaram decididas no primeiro Congresso Mundial Romani, realizado em 1971, está o hino romani. A letra da canção, que aqui no Brasil conhecemos como Djelem, Djelem, foi composta pelo rhom de origem sérvia Zarko Jovanovic, que então a colocou em uma melodia tradicional no ano de 1949.

Zarko Jovanovic experimentou os horrores do Porajmos em sua própria carne e alma. Ele foi prisioneiro em três campos de concentração diferentes. Sobreviveu, mas, ao final da guerra, havia perdido quase toda a sua família.

Todo esse sofrimento está expresso, em forma de lamento, na letra de Djelem, Djelem, que foi escolhida justamente por ilustrar um quadro fiel do horror não apenas da perseguição durante a Segunda Guerra Mundial, mas de toda a perseguição, discriminação e preconceito que os rhomá sofreram ao longo de sua história.

Fonte: www.caminhosciganos.org

IDIOMA ROMANI



A língua falada pelos Roma (ciganos) é chamada Romani. Esta língua está intimamente relacionada ao sânscrito, do qual todas as línguas indo-arianas modernas são derivadas. O Romani se desenvolveu paralelamente às línguas irmãs faladas na Índia até o século XI. Então os ancestrais dos Roma deixaram a Índia e o desenvolvimento da língua Romani começou a ser influenciado por línguas faladas em outros países. Estes incluíam persa, armênio, grego bizantino, eslavo antigo e romeno. Palavras nessas línguas podem ser encontradas em todos os dialetos do Romani falados hoje.

Nenhum sistema de ortografia padronizado é usado por acadêmicos ou falantes nativos. Os esforços dos planejadores da linguagem foram prejudicados pelas significativas divisões dialetais do Romani. Da mesma forma, a ausência de uma fonologia padrão torna problemática a escolha de uma única forma de escrita.

Em um esforço para superar essas dificuldades, nas décadas de 1980 e 1990 Marcel Courthiade propôs um modelo de padronização da grafia baseado na adoção de um sistema de grafia metafonológico que "acomodasse variações dialéticas nos níveis fonológico e morfofonológico". Este sistema foi apresentado na International Romani Union em 1990, onde foi adotado como o "alfabeto oficial" da organização.
Fonte: www.museuvirtualgitano.cat

BARALHO CIGANO



O baralho cigano é composto por 36 cartas e suas figuras têm significados psicológicos e cósmicos. Suas lâminas representam as forças vivas da natureza e ilustram situações do cotidiano. É um oráculo que ajuda a desenvolver a percepção, sendo que sua interpretação é feita através da intuição e da observação.

Suas figuras são simples, objetivas e com significados claros e precisos, não deixando dúvidas sobre as questões levantadas. Não é um oráculo para ser estudado ou decorado. Ao contrário, ele usa a associação intuitiva e a percepção do tarólogo para responder às questões apresentadas.

A origem do baralho cigano é cercada de mistérios. Segundo a lenda, foi criado pela francesa Anne Marrie Adelaide Lenormand e difundido por um povo nômade.

Extremamente valioso para análise de nossa vida, o Baralho Cigano pode ser visto como um amigo e confidente, orientando na tomada de decisões e prevenindo dos perigos que cercam nossa caminhada.

Fonte: www.astrocentro.com.br

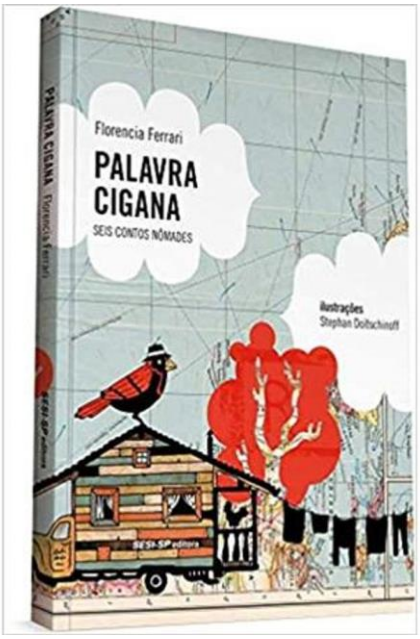
LIVROS



Livro "Lendas e histórias ciganas" de Cristina de Costa Pereira - Imago Editora, 1991.

Pode-se falar sobre a origem, a história e a tradição de um povo sob o ponto de vista dos pesquisadores, ou seja, uma visão científica do fato, e/ou sob a ótica do próprio povo. E, por se tratar de ciganos, a ótica do próprio povo assume um caráter da maior importância, visto que se trata de um povo de tradição oral. Neste sentido, é fundamental se destacarem as histórias do povo contadas por ele mesmo, não só por refletirem essencialmente a sua tradição, seus costumes, suas cosmovisão, mas também por ditarem normas de comportamento para os que as ouvem: são os mais velhos - a sabedoria cigana - passando o seu verdadeiro ouro aos mais jovens, ao pé do ouvido, de boca em boca, de geração em geração.

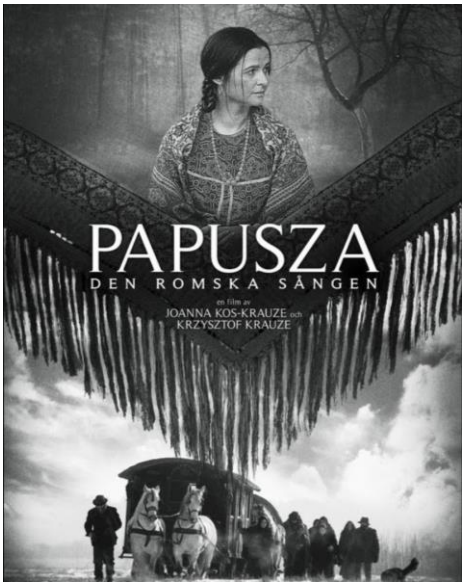
A carioca Cristina da Costa Pereira graduou-se em Letras pela UFRJ e, por dez anos, foi professora de língua portuguesa e literatura. Em 1986, publicou seu primeiro livro, o ensaio Povo cigano, e, em 2000, foi finalista do Prêmio Jabuti Categoria Religião, com o livro A inspiração espiritual na criação artística. Representou o Brasil no Congresso Internacional de Ciganos, a convite do Centro Studi Zingari, na Itália. Em 2006, recebeu o prêmio Mérito Cultural, da União Brasileira de Escritores, pelo conjunto de atividades exercida em prol da arte e da cultura.



Dentre mais de 300 histórias dos povos nômades, a antropóloga argentina Florência Ferrari reúne neste livro seis contos que sintetizam algumas daquelas narradas por diferentes grupos, como os Manuches, Rom, Sinti, e especialmente os Calon, com quem conviveu durante certo período. Em geral tendo como pano de fundo os acampamentos com suas rodas de dança, música e festa, os contos são temperados com pitadas de ironia, magia e mistério para que temas como negociação, vantagem e humildade tomem forma. Ilustrado com muita cor, riquezas e alegria, as imagens do livro são criadas pelo artista plástico paulista Stephan Doitschinoff, que constrói uma espécie de mosaico com suas colagens e sobreposições de figuras. (Fonte: Blog A Taba - Clube de Leitura). Prêmio: Melhor Livro Reconto (FNLIJ, 2006)



Conhecida como Papusza (boneca em romani), Bronisława Wajs (1908-1987) foi uma das poetisas ciganas mais famosas já conhecidas. Ela cresceu nômade com sua família na Polônia e era alfabetizada, algo incomum para a época. Ela aprendeu a ler trocando galinhas em troca de aulas com os moradores locais. A maior parte do trabalho de Papusza envolveu formatos ciganos tradicionais juntamente com alguns aspectos incomuns, como a escrita de forma singular. A maior parte de seu trabalho tratou da nostalgia, da saudade e, principalmente, do sentimento de perda.





A história da primeira mulher da etnia cigana Rom a escrever poemas e publicá-los, confrontando a tradicional imagem feminina na comunidade cigana foi representada no filme Papusza, de 2013. O filme segue a vida de Papusza, do nascimento ao casamento arranjado, quando era apenas uma menina, até a terceira idade. Sua vida na comunidade cigana antes, durante e depois da Segunda Guerra Mundial, seu estabelecimento forçado na miserável vida urbana da Polônia comunista. Até seu encontro com o poeta Polonês Jerzy Ficowski.

Há um monumento a Papusza em Gorzów Wielkopolski, Polônia.

INSTRUMENTOS



Os sons do pandeiro, juntamente com a dança exercida por meio dele, têm um simbolismo rítmico de grande importância na vida das pessoas que buscam harmonizar o corpo e a mente. Em algumas culturas a percussão é fundamental para fazer um elo entre o homem e sua própria consciência, ou entre o homem e a divindade; devido aos movimentos cadenciados despertarem os estímulos não apenas corporais, mas também emocionais e espirituais.
Até os dias de hoje não se sabe ao certo a procedência do pandeiro, mas a origem cigana aponta para uma hipótese bastante confiável. Contudo, independente de fatos históricos ligarem ou não ao povo cigano, este instrumento tem registros desde a mais remota antiguidade; seja nos ritos religiosos, em festas de cunho comemorativo ou no entretenimento cotidiano.

Fonte: www.shivanataraj.com.br



A darbuka, doumbek ou derbak é um membranofone tradicional na música árabe, tendo parentesco com o djembe do oeste africano. O derbake também é considerado um dos instrumentos principais dos conjuntos árabes. Como fornece uma base rítmica, tem por função dar a estrutura para toda a música. Pode ser construído de barro ou madeira com peles de couro de peixe ou carneiro. Os mais modernos são construídos de alumínio fundido com pele de nylon sintético, dependendo da sua frequente utilização ou do gosto do músico. Fonte: www.derbake.com.br



O cajón é um excelente exemplo de tradição ancestral e modernidade. Muito conhecido por ser usado no flamenco, é proveniente da América do Sul, apesar das suas origens africanas. Criado pelos escravos levados para a América Latina, como forma de preservar as suas tradições musicais, o cajón ganhou raízes no Peru, onde é considerado Patrimônio Cultural da Nação. Paco de Lucia foi um dos que introduziu este instrumento no flamenco, tornando-se parte tão integrante da sonoridade moderna deste gênero que parece que sempre esteve lá. Fonte: www.salaomusical.com



As castanholas são um instrumento de percussão que há três milênios já era conhecido pelos fenícios, os quais popularizaram o instrumento nas áreas do Mediterrâneo através do comércio marítimo.
É constituído por dois pedaços de madeira de castanheiro em forma de prato fundo, perfurado e ornamentado com uma fita que se coloca em redor do polegar. O seu nome deriva do seu formato, que lembra uma castanha. As castanholas emitem um som seco e oco, de entoação imprecisa. Em qualquer par de castanholas, há uma que tem o som mais agudo do que a outra, distinguindo-se, respetivamente, com os nomes de castanhola-fêmea e castanhola-macho. A castanhola-fêmea fica na mão direita e a castanhola-macho na esquerda.
Fonte: http://raies.com.br



Os snujs – também chamados de fingers, címbalos e sagat – são um par de círculos de metal côncavos, como se fossem pratos. Podem ser dourados, prateados com ou sem desenhos e estão disponíveis nos tamanhos P, M e G. Em cima de cada “pratinho”, há um orifício onde a gente passa um elástico para poder prender os snujs nos dedos do meio e no dedão, perto da base da unha. Quando você bate, dependendo da intensidade e da velocidade, o som pode sair como sino ou mais duro. Quanto mais o som se estender no ar, mais bonito fica. Fonte: https://cadernosdedanca.wordpress.com/



O steel tongue drum (também conhecido como tongue drum, tambor de língua, tank drum ou hank drum) é um instrumento de percussão pertencente à família dos idiofones (instrumentos cujos sons se dão através da vibração do próprio material, sem a necessidade de cordas, membranas ou ressonadores externos). O tambor de língua de aço recebe esse nome por causa das fendas cortadas no aço para produzir as notas. Elas têm o formato de uma língua e cada uma é única em comprimento, largura e profundidade para criar notas diferentes quando tocada pela mão ou baquetas. O tambor de língua tem raízes antigas, mas o próprio instrumento como o conhecemos agora é relativamente novo. Dennis Havlena, um americano, o desenvolveu por meio de alguns experimentos engenhosos envolvendo um tanque de gás propano! É possível escolher a escala que o instrumento será feito. Fonte: www.tongue-drum.net

VIOLINO E ACORDEON



PERCUSSÃO CORPORAL – INSTRUMENTOS ALTERNATIVOS



PALMAS

ESTALOS DE DEDO

LEQUES

SAPATOS

AREIA + CHAPA DE METAL

APITOS

REPRESENTAÇÕES NAS ARTES VISUAIS



"Gypsy Woman" (óleo sobre tela, 2007) do americano Matt Abraxas



"La partida de los gitanos" (óleo sobre tela) do espanhol Roberto Egues



"A Gypsy" (óleo sobre tela, 1912) do espanhol Joaquin Sorolla y Bastida



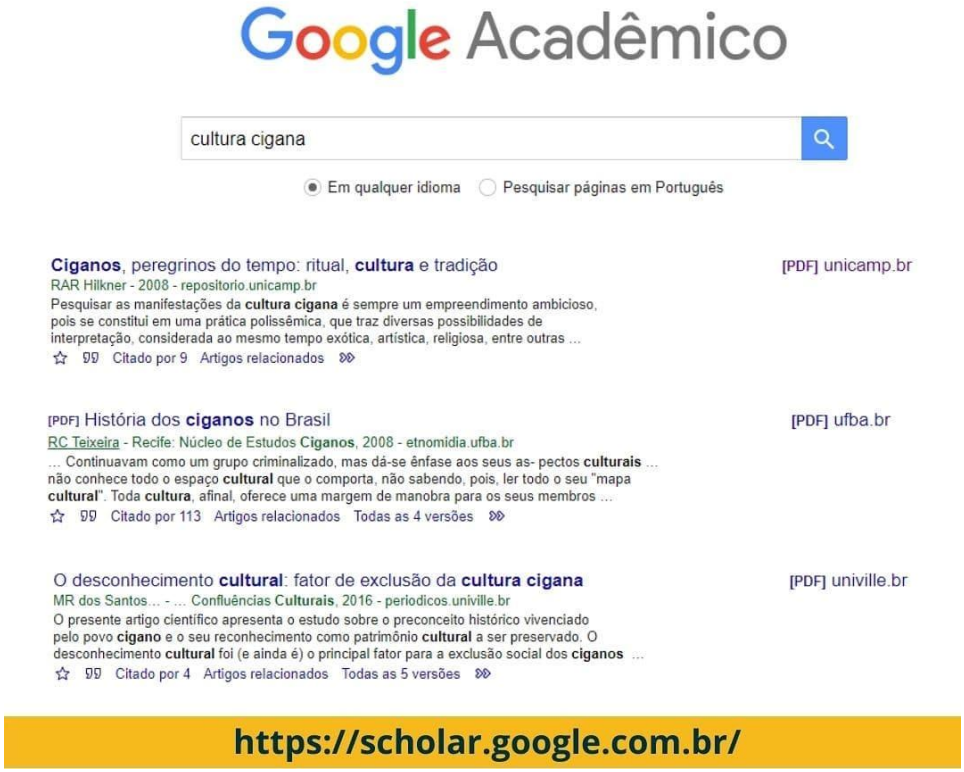
"Baile Gitano" (1921 - óleo sobre tela) do espanhol Hermenegildo Anglada-Camarasa



Bailarina, pesquisadora e professora da Cultura e Danças Ciganas. Idealizadora da Casa Z – Culturas, Danças e Terapias, do Método de Dança Vivencial e canalizadora do Sistema de Elixires Lunares Cores da Alma.

A Casa Z foi fundada em Novo Hamburgo no ano de 2009. É um grupo de pesquisa e um espaço físico, que se originou do objetivo de difundir a Cultura Cigana através do registro, difusão, divulgação e reconhecimento desta etnia como mantenedora da cultura mundial.

@dancaciganacasaz



https://scholar.google.com.br/